

## RESENHA

*Elizabeth Zekveld Portela*

DOBSON, James. **Educando crianças geniosas**. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. 237 p.

Os escritos de James Dobson estão nas prateleiras das livrarias evangélicas desde 1977, com a publicação de *Ouse Disciplinar*, tradução de um livro que continua sendo *best-seller* nos Estados Unidos, agora revisado e atualizado sob o título *New Dare to Discipline*. A versão brasileira, entretanto, encontra-se esgotada.<sup>1</sup>

O livro em pauta, *Educando Crianças Geniosas*, é a tradução de outro livro de Dobson reeditado e adaptado.<sup>2</sup> Os leitores brasileiros tiveram acesso à versão anterior em anos passados,<sup>3</sup> mas essa também esgotou-se aqui, apesar de já ter vendido quase três milhões de cópias no país de origem.

O leitor desta resenha poderá estar se perguntando qual a relevância do tema da “criação de filhos” em uma revista acadêmica. Entretanto, parece-nos que é um assunto muito pertinente para os líderes eclesiais. Afinal, Deus, dentro dos critérios que delineia para a escolha de pastores, presbíteros e diáconos, exige que “cada um governe bem a sua própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo respeito” (1Tm 3.4,12). Ele ainda acrescenta uma explicação: “pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?” (v. 5). Sendo assim, esse requisito deve continuar a ser um parâmetro para os que já se vêm cuidando das igrejas do Pai e de instituições de ensino teológico, e um alvo para aqueles que estiverem se preparando para assumir tal tarefa.

---

<sup>1</sup> Ainda aparece no site da Editora Vida, mas como “indisponível”. Não existe previsão no momento para uma tradução da versão reeditada. Informação disponível em: [http://www.editoravida.com.br/prod/produtos\\_detalhes.asp?cod\\_produto=85-7367-409](http://www.editoravida.com.br/prod/produtos_detalhes.asp?cod_produto=85-7367-409). Acesso em 9 nov. 2006.

<sup>2</sup> *The New Strong-Willed Child* (Tyndale House Publishers, 2004).

<sup>3</sup> Também publicado pela Editora Vida, em 1981, com o título *A Criança Voluntariosa*.

Qual o nosso desempenho nessa área? Como reagimos quando alguém nos apresenta o seu filho rebelde, com lágrimas nos olhos, pedindo socorro? Temos confiança que o Deus que instruiu e ajudou os seus a cumprir essa exigência durante milênios continua capaz de transformar vidas através da obediência dos seus filhos aos princípios que ele revelou? Sabemos caminhar ao lado desses pais, discernindo o que eles estão fazendo corretamente e percebendo aquilo que pode ser melhorado, com sabedoria e compaixão? Ou corremos para a nossa agenda em busca do telefone do psicólogo mais próximo? Estamos aprendendo com as nossas próprias experiências, aproveitando o compartilhar das pessoas que têm sido consoladas por Deus nas angústias dessa área e usando as oportunidades que surgem para consolar outros com o conforto com que Deus nos contemplou? (2Co 1.3,4).

Um livro escrito para leigos pode ser uma excelente ferramenta nas mãos de um pastor ocupado, se ele estiver familiarizado com o seu conteúdo e concordar com as premissas do mesmo. Por essa razão, gostaria de recomendar *Educando Crianças Geniosas* como um dos recursos disponíveis para ajudar pais frustrados a iniciar o caminho de volta ao lindo cenário que pintaram na sua imaginação quando resolveram ter filhos, que é o ideal de todos nós. Os 12 capítulos do livro oferecem conselhos valiosos para lidar com crianças difíceis.

Dobson assegura no prefácio que a reorganização do livro não significa que a sua “percepção da natureza das crianças mudou” desde os anos 70. Ela resultou das oportunidades que teve de trabalhar com muitas famílias e “comparar as abordagens que funcionam com aquelas que claramente não dão certo” (p. 7). O propósito do livro é oferecer

orientações que contribuirão para uma educação competente, [tratando] especificamente da questão da disciplina em sua relação com as crianças independentes, que representam um desafio maior para essa educação (p. 9).

Temos, a seguir, uma introdução bem ao estilo americano, contando histórias divertidas sobre a diferença na índole de dois cachorros da sua própria família, com o curioso propósito de ilustrar a diferença entre os gênios de filhos obstinados e de filhos dóceis. Ele admite que o livro não tem a finalidade de disciplinar cães, mas enfatiza:

Da mesma forma que o cão desafia ocasionalmente a autoridade do dono, a criança tem a tendência de desafiar a autoridade dos adultos, só com mais freqüência. Não se trata de uma observação trivial, pois representa uma característica da natureza humana da qual vários especialistas autores de livros sobre disciplina não parecem estar cientes (p. 13).

A seguir o autor relata alguns incidentes com criancinhas geniosas e observa:

A raça humana como um todo sofre da mesma tendência de rebeldia obstinada... a essência do pecado original que se infiltrou na raça humana... isso explica por que enfatizo tanto uma reação correta à rebeldia obstinada na infância: essa rebeldia pode lançar sementes de tragédias futuras... (p. 15).

Ele encerra o capítulo observando que os pais de filhos dóceis não entendem aqueles que têm filhos rebeldes. Alerta que filhos geniosos “podem ser difíceis de tratar mesmo quando os pais cumprem suas responsabilidades com toda competência e dedicação” (p. 20) e promete examinar, nos próximos capítulos, “diferentes formas de lidar com o juvenzinho ‘durão’, abordagens disciplinares para cada faixa etária, motivos para ele ser como ele é e vários outros aspectos de educação infantil” (p. 21).

O livro continua com a transcrição de uma entrevista radiofônica de duas horas com três mães que lutaram para criar filhas geniosas em meio a outras crianças mais dóceis. Uma destas filhas também está presente à entrevista. Vários relatos pessoais de confrontos, agonias, derrotas e vitórias são registrados na seqüência. Eles servem para criar empatia com os leitores que se identificam com as situações delineadas.

Entretanto, não é preciso ser pai de uma criança reconhecidamente “geniosa” (24 horas por dia, desde o berço) para tirar proveito desses relatos, pois quase todos os filhos passam por fases “difíceis”. São poucos os pais que não experimentam períodos (especialmente na pré-adolescência e adolescência) em que os dias parecem uma série de confrontos desde o início até o fim e quando o “diálogo” é um conceito riscado da compreensão daqueles que antes pareciam a expressão máxima de alegria, paixão e companheirismo. Nessa fase, livros como os de Dobson podem ajudá-los a encontrar respostas às suas dúvidas, evitando assim constantes bate-bocas, manipulações, chantagens emocionais e colapsos nervosos, e possibilitando a manutenção de uma certa paz no lar.

O capítulo 3 pergunta “Por que elas são assim?” Aqui o autor define o que é uma criança geniosa e avalia alguns “conselhos equivocados acerca da educação infantil que têm ocupado uma posição de destaque na literatura dos últimos 75 anos” (p. 45). Depois, ele tenta responder por que

a maioria das crianças parece ter necessidade de desafiar os que exercem autoridade sobre elas? Por que não podem se contentar com conversas tranquilas, explicações pacientes e demonstrações de carinho? Por que não podem seguir instruções razoáveis sem maiores discussões? (p. 49).

Na seção de perguntas e respostas (com as quais encerra todos os capítulos a partir deste),<sup>4</sup> ele começa a lidar seriamente com o que chama de perversidade

<sup>4</sup> A prática de concluir os capítulos com perguntas e respostas é um ótimo método didático. Elas prendem a atenção dos leitores porque refletem coisas com as quais eles próprios têm que lidar. São questionamentos, angústias, críticas e ponderações reais de pais envolvidos com a criação de filhos obstinados.

inata ou “uma propensão natural para a rebeldia, o egoísmo, a desonestidade, a agressão, a exploração e a cobiça”, citando o Salmo 51, Romanos 3... e Platão (p. 59). Dobson afirma

que os pais podem e devem treinar, moldar, corrigir, orientar, castigar, recompensar, instruir, advertir, ensinar e amar seus filhos durante os anos formativos. Seu objetivo é moldar essa natureza interior e impedir que ela tire a família inteira.

Ele conclui o parágrafo com a seguinte declaração importante:

Em última análise, porém, somente Jesus Cristo pode purificar essa natureza e torna-la inteiramente aceitável ao Senhor. É isso que a Bíblia ensina sobre os seres humanos e é nisso que acredito firmemente (p. 59).<sup>5</sup>

Nas páginas restantes, encontramos muitos itens proveitosos. O autor aponta que o comportamento exploratório das crianças pequenas (“o desejo natural de tocar, morder, provar e cheirar”) é essencial à sua aprendizagem. Portanto, é essencial modificar o ambiente, distrair e fornecer alternativas. Ele explica quando um ato pede disciplina (desafios abertos a ordens verbais) de acordo com a maturidade e fala da necessidade de graça (perdão amoroso), humor, atitudes alegres (p. 60). Os relatos são bem-humorados, mostrando o seu próprio senso de autocrítica.<sup>6</sup>

Ele prossegue fornecendo diretrizes para moldar a vontade de uma criança (ênfaticamente que não está dizendo para anular, destruir ou reprimir a vontade e reiterando que existe distinção entre rebeldia obstinada e irresponsabilidade infantil) e procura explicar bíblicamente por que isso é necessário. Cita uma carta bastante reveladora escrita por Susanna Wesley, mãe dos evangelistas João e Carlos (e de mais 17 filhos), na qual descreve a sua filosofia de educação como mãe, a pedido do filho João (p. 65). Para mim, foi uma das coisas mais interessantes do livro, pois ela fala com firmeza e clareza sobre esse assunto (no qual se tornou extremamente experiente e, obviamente, bem-sucedida),

---

<sup>5</sup> De vez em quando, ao tentar aprofundar-se teologicamente, Dobson demonstra que não partilha de uma compreensão reformada, e o tratamento que dá ao assunto pode confundir. Por exemplo, quando tenta explicar a declaração de Deus sobre Jacó e Esaú em Romanos 9.13, diz que Deus “discerniu a natureza rebelde de Esaú antes de ele nascer e soube que ele não seria receptivo ao Espírito divino” (p. 57). O que ele não percebe é que Jacó também nasceu com uma natureza rebelde (apenas dissimulada) e que foi a graça de Deus que o tornou receptivo ao mesmo Espírito, transformando a sua natureza e mudando o seu destino.

<sup>6</sup> Como o da garotinha que percebeu que a nova abordagem da mãe à sua disciplina era proveniente de um livro recém-comprado, que jogou no vaso sanitário, assim fazendo “todo o possível para mandar o livro para onde ele merecia: o esgoto” (p. 61).

deixando-me com vontade de tê-la conhecido. Dobson ocasionalmente volta a essa carta para pontuar outros ensinamentos ao longo do restante do livro.

No próximo capítulo, o autor explica como “moldar a vontade sem ferir o espírito”, numa “combinação de amor e disciplina coerente”. Aborda o erro mais comum, aquele de gritar com os filhos, uma prática à qual sucumbe a maioria dos pais frustrados. Como expressar o desprazer sem perder as estribeiras? Num certo ponto, ele declara:

Os pais hesitantes, cheios de culpa e que se mostram mais ansiosos para evitar confrontos, muitas vezes se pegam gritando e ameaçando o dia todo e, por fim, castigando o filho excessivamente. Aliás, o resultado final pode ser o abuso físico (p. 97).

Mais adiante, diz:

Quando um pequeno encrenqueiro com pouco mais de vinte quilos consegue deliberadamente reduzir os pais crescidos a um amontoado de frustração trêmula, com os nervos em frangalhos, algo muda no relacionamento. Algo precioso se perde.

Observa que

a criança desenvolve uma atitude de desprezo que, sem dúvida alguma, virá à tona durante os anos turbulentos da adolescência. Meu desejo sincero é que todo adulto fosse capaz de entender essa característica simples da natureza humana (p. 99).

No capítulo 7, Dobson ajuda os pais a adequar a disciplina às necessidades da criança, oferecendo algumas diretrizes para cada faixa etária no sentido de que sejam empregadas de acordo com a sua individualidade. No capítulo seguinte, ele aborda o castigo físico:

Tendo em vista o relacionamento delicado entre pais e filhos e a incidência cada vez maior de abuso físico e emocional de meninos e meninas, a última coisa que desejo fazer é fornecer uma racionalização ou justificativa para qualquer prática que possa lhes fazer mal. Deixe-me dizer mais uma vez: não acredito na disciplina severa, opressiva e humilhante, mesmo quando bem-intencionada (p. 134).

Ele reconhece que o “castigo físico pode ser prejudicial quando usado de forma incorreta”, mas assevera que, “só porque uma técnica útil pode ser empregada indevidamente não quer dizer que ela deve ser rejeitada de todo”.<sup>7</sup> E ele explica por que, examinando os argumentos daqueles que se opõem à disciplina física e dando diretrizes para os pais que querem usá-la de maneira apropriada.

<sup>7</sup> Observação correta, ao meu ver. Seria a mesma coisa que abolir o uso geral da Internet por causa da possibilidade de acesso à pornografia ou a jogos de RPG.

Concluindo o capítulo, o autor responde à pergunta: “Você acredita que a disciplina física será proibida por lei?” (p. 152). Isto nos leva a ponderar um fato sobre o nosso próprio país, onde está tramitando o Projeto de Lei 2.654/2003 que prevê a proibição do castigo físico de crianças e adolescentes. Já foi aprovado pelas Comissões de Constituição e Justiça e de Cidadania e ficou de ser encaminhado ao Senado, e depois ao Presidente da República, sem necessidade de ser votado pelo Plenário da Câmara. De acordo com o texto, a punição corporal de crianças ou adolescentes sujeitará pais, professores ou responsáveis a medidas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), tais como o encaminhamento a um programa oficial ou comunitário de proteção à família, a tratamento psicológico ou psiquiátrico e a cursos ou programas de orientação. A criança também será encaminhada para tratamento.<sup>8</sup>

Tendo em vista o envolvimento de parte da chamada “Bancada Evangélica” do Congresso Nacional em escândalos como o dos “sanguessugas”, as vozes que têm se levantado contra o projeto de lei parecem ter pouca força. Entretanto, a Igreja Presbiteriana do Brasil preparou um documento no Supremo Concílio de 2006, no qual resolveu “encaminhar um ofício para o Senado Federal informando do posicionamento contrário da IPB quanto ao Projeto de Lei em apreço”.<sup>9</sup> Temo que a sede de status e aceitação dos evangélicos e o medo de sermos estigmatizados farão com que muito em breve a fidelidade dos cristãos aos princípios bíblicos relacionados à família seja considerada não apenas impopular, mas também criminosa.<sup>10</sup> Poderemos acordar com as mãos literalmente atadas porque pessoas bem-intencionadas, mas equivocadas, tiveram a coragem de defender aquilo que parece certo diante daqueles que não enxergam a verdade dos parâmetros delineados por nosso Deus.

O próximo capítulo do livro de Dobson dirige a nossa atenção para os irmãos da criança geniosa. Além de sofrerem pela rivalidade e competição, muitas vezes são os mais dóceis que recebem a incumbência de realizar as tarefas mais desagradáveis.

Os pais que favorecem o filho genioso dessa maneira têm consciência de que estão sendo injustos, mas seu senso de justiça deu lugar às pressões da praticidade. Estão simplesmente esgotados e frustrados demais para correr o risco de irritar o filho mais obstinado (p. 157).

---

<sup>8</sup> Disponível em: [www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=360122](http://www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=360122). Acesso em 9 nov. 2006.

<sup>9</sup> SC-IPB-2006, Doc. LXXXVIII. Disponível em: <http://www.executivaipb.com.br/>. Acesso em 9 nov. 2006.

<sup>10</sup> Como a rejeição do “casamento gay”, a censura de pastores que pecam contra os votos matrimoniais, além do mandamento de usar a vara da disciplina para afastar a insensatez do coração da criança (Pv 22.15).

Dobson continua:

Não é necessário nem saudável deixar que os filhos destruam uns aos outros e tornem insuportável a vida dos adultos ao redor deles. A rivalidade entre irmãos é difícil de curar, mas sem dúvida pode ser tratada (p. 158).

Ele oferece três sugestões com exemplos de vida que podem ajudar.

O tratamento mais extenso lida com o adolescente genioso. O Dr. Dobson oferece sete sugestões bem elaboradas para facilitar a passagem da família por esse período. A última é: “Acima de tudo, fale de Jesus Cristo para seus filhos e fundamente-os inteiramente nos princípios da fé”. Continuando, ele toca num ponto interessante: “Como é possível alguma outra coisa se comparar em termos de importância a esse objetivo de manter o círculo familiar intacto na vida por vir?”. Desse modo, ele faz com que a atenção dos pais saia dos problemas imediatos para se concentrar na eternidade, onde seus filhos irão se encontrar com o Deus que instruiu os seus genitores a criá-los “na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6.4), e isto desde a mais tenra idade (p. 197).

É a minha convicção firme de que devemos falar às crianças do julgamento e da ira de Deus quando elas ainda são pequenas. Em parte alguma a Bíblia nos instrui a pular as passagens desagradáveis em nosso ensinamento. O salário do pecado é a morte, e as crianças têm o direito de entender esse fato (p. 199).

O último capítulo fala para os pais de crianças que têm sido diagnosticadas como portadoras de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). No meu entender, essa é a abordagem mais fraca do livro. Tenho muito medo da tendência atual de rotular milhares de nossas crianças energéticas ou “geniosas” como portadoras de um transtorno, distúrbio ou déficit. Por mais que os especialistas da área se esforcem para tirar o estigma e apontar os benefícios dos tratamentos medicinais, e apesar da opinião do próprio autor de que são “os menos informados” que acreditam que “o TDAH é um diagnóstico da moda sem nenhuma fundamentação científica”, ele mesmo admite “que não existem exames laboratoriais simples que confirmem o distúrbio” (p. 210).<sup>11</sup>

A abordagem do assunto acaba consistindo em descrições dos comportamentos que são considerados sintomáticos de TDAH e pedaços de artigos de pessoas que oferecem suas teses a respeito do assunto. É quase como se essa parte tivesse sido compilada pela equipe do autor e adicionada apressadamente por tratar de um tema bem atual.<sup>12</sup> Falta aquilo em que Dobson se sobressai,

<sup>11</sup> Sites específicos como o do Instituto Nacional de Saúde Mental (Estados Unidos), disponível em: <http://www.nimh.nih.gov/publicat/adhd.cfm#cause>, aventam várias teorias para a origem do “transtorno”, mas não apresentam nenhuma conclusão concreta. Acesso em 10 nov. 2006.

<sup>12</sup> Esse capítulo ficaria mais apropriado como um apêndice.

as sugestões de alternativas que podem e devem ser empregadas para evitar a solução mais drástica (nos outros capítulos, o castigo físico, e neste, o uso regular de medicamentos). Até os especialistas descrentes procuram ajudar os pais com sugestões para o convívio com os seus filhos dentro de casa.<sup>13</sup> O perigo é que, ainda que um dia seja comprovado um problema genético para alguns, os pais cristãos comecem a ignorar e até rejeitar o fato de que é possível e necessário lidar com o fator pecado existente em todas as crianças. Além disso, existem muitos fatores na vida agitada e urbana da atualidade que devem ser avaliados e que, muitas vezes, podem ser tratados e modificados num processo lento, mas benéfico para as crianças.

No geral, entretanto, gostaria de reiterar a importância da familiarização do pastor e líder cristão com as percepções e sugestões de *Educando Crianças Geniosas*,<sup>14</sup> tanto para a sua vida quanto para o seu ministério. Para complementar os seus esforços de encaminhar as crianças no seu relacionamento com Deus, gozando da possibilidade de serem instrumentos do Espírito Santo, além deste livro sugiro a leitura de *Pastoreando o Coração da Criança*, de Ted Tripp.<sup>15</sup> Recomendo também um esforço dirigido para garantir a presença destes e de outros livros que tratam de relacionamentos familiares nas bibliotecas e livrarias de suas igrejas. E, já que sempre percebo uma certa aversão a autores “americanos” no nosso meio, vamos orar e trabalhar para que Deus levante pessoas no Brasil que possam juntar respeitabilidade e autoridade acadêmica com amor a Deus e competente compreensão da verdade e aplicabilidade dos seus princípios. Assim elas poderão suprir aquilo que ainda falta nas tentativas perspicazes de autores como Içami Tiba<sup>16</sup> e Tania Zagury<sup>17</sup> para recuperar a autoridade no lar (aquela que Deus sempre nos apontou como sendo legítima e necessária). Sim, é possível educar *crianças geniosas* e vê-las no caminho em que devem andar quando forem mais velhas (Pv 22.6).

<sup>13</sup> Disponível em: <http://familydoctor.org/118.xml> (*What can I do at home to help my child?*). Acesso em 9 nov. 2006. Texto citado em SMITH, Robert D. *The Christian counselor's medical desk reference*. Stanley, NC: Timeless Texts, 2000.

<sup>14</sup> Ver a apresentação na capa do livro: “Cale a boca!”. Se uma ordem como esta já é suficientemente agressiva na boca de um pai ou uma mãe ao se dirigir a um filho, que dizer quando os papéis se invertem e é ele quem trata os pais assim? O mais grave é constatar que casos semelhantes, de meninos e meninas rebeldes que se iram com facilidade, são muito comuns. Eles podem ser vistos em sua vizinhança, em seu círculo de amigos ou mesmo dentro de sua casa. Que fazer com crianças irascíveis, que perdem a paciência e, com ela, as noções de limite e autoridade?

<sup>15</sup> Editora Fiel, São José dos Campos, 1997.

<sup>16</sup> *Adolescentes: Quem Ama, Educa! e Disciplina, Limite na Medida Certa*.

<sup>17</sup> *Limites sem Trauma e Os Direitos dos Pais*.